ALFABETIZAÇÃO PARA CRIANÇAS E ADULTOS POR MEIO DE LITERATURAS INFANTIS E JUVENIS

ELAINE BAGESTERO FERREIRA

RESUMO

Esse artigo pretende buscar informações pertinentes ao tema alfabetização para crianças e adultos por meio de literaturas infantis e juvenis. O contato com os livros infantis pode ocorrer desde antes do nascimento, quando o primeiro livro é colocado nas mãos da criança ou quando ela ouve as rimas e cantigas que mais cantarão por gerações. As crianças aprendem com a língua que ouvem, portanto, quanto mais rico o ambiente linguístico, mais rico o desenvolvimento da linguagem. O processo de apropriação da linguagem continua por todos os anos escolares, portanto, esses anos devem ser preenchidos com imagens emocionantes e vocabulário que a literatura infantil oferece. O termo literatura poderia ser definido a partir de uma perspectiva histórica ou cultural, da perspectiva de um crítico ou outro, ou de um leitor. Como promotores da leitura, entendemos a literatura como a construção imaginária da vida e do pensamento nas formas e estruturas da linguagem, integradas num conjunto de símbolos que provocam uma experiência estética. Essa experiência pode ser uma reconstrução viva ou expansão de eventos anteriores, ou a criação de novas experiências a partir da interação com diferentes gêneros.

Palavras-chave: Experiência; Linguagem; Símbolos.

INTRODUÇÃO

É preciso entender que desde o momento em que a criança entra em contato com os livros e começa a ler até o momento em que domina a leitura e sente prazer nela, há um longo processo que a escola deve nutrir e orientar. A criança que percebe a aprendizagem da leitura como um processo difícil e punitivo não sentirá prazer nem se aproximará espontaneamente da leitura; porque o gosto pela leitura não se desenvolve sob pressão ou por obrigação, ou com livros chatos ou sem sentido, cujo único uso é o ensino da leitura. Daí a necessidade de proporcionar aos alunos materiais de leitura abundantes, lúdicos e interessantes, adaptados às suas necessidades, gostos e dos mais variados: contos, poemas, cancioneiros, livros de enigmas, piadas e ditos, dando continuidade à literatura juvenil.

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2007, p. 30).

Nesse sentido, o desafio da escola de hoje é promover uma mudança: de não leitores para leitores eficientes por meio da literatura infantil. Busca estimular o poder criativo e desenvolver a imaginação. Isso é alcançado com professores que orientam e estimulam, que oferecem um clima para a leitura e produção de textos literários, que motivam, envolvem a criança com a leitura e conversação sobre textos literários; tudo, para despertar e canalizar a sua atitude crítica. Tendo sempre em mente que os alunos se tornam leitores críticos à medida que utilizam seus conhecimentos e experiências anteriores para conhecer, prever, classificar, analisar, avaliar, comparar, comentar e interpretar.

A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

A narração de um livro oferece uma reafirmação da história pessoal que a criança contou a si mesma e que podemos associar ao que Vygotsky (1982) descreve como linguagem interior.

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário. (BRASIL,1997, p. 29).

Ouvir histórias é uma forte motivação para a criança querer aprender a ler. Ao associar a leitura ao prazer, as crianças também querem aprender a fazê-lo. Muitas vezes as crianças ouvem sobre a importância da leitura, mas com as nossas ações mostramos que valorizamos mais as outras atividades.

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea). (BRASIL 1997, p. 29)

A literatura desenvolve a imaginação e a curiosidade das crianças, ajudando-as a apreciar a natureza, as pessoas e as experiências de maneiras não consideradas por elas. Diante da invasão explícita da televisão, a literatura oferece ao imaginário infantil novas dimensões que dificilmente ela descobriria. Os livros infantis têm o poder de criar imagens na mente do leitor e expandir sua imaginação. O imaginário é definido pelo grau de transposição da realidade e se opõe ao referencial. Parte do real, mas não é uma cópia, é uma imaginação ativa.

LEITURA E ESCRITA: CONTRIBUIÇÕES DAS HISTÓRIAS INFANTIS E JUVENIS

O ato de ler e de escrever não é apenas decodificar o código linguístico, é preciso, porém ser capaz de interpretar diferentes gêneros textuais. O meio em que vive é de suma importância para o desenvolvimento do aprendizado, uma vez que o indivíduo está inserido num mundo letrado, no qual existem diversos códigos linguísticos. Segundo Kleiman (1995, p. 19): "Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos".

Quando se ensina a ler e a escrever com base no que faz parte do dia a dia da criança, ela aprende de forma contextualizada e não letra por letra. Ela aprende de um contexto que ela já conhece, assim associa e entende. Magda

Soares cita em um dos seus artigos que "o domínio de competências de leitura e escrita vão além de medir apenas a capacidade de saber ler e escrever".

É importante ressaltar que o conceito de letramento e alfabetização pode variar de acordo com o momento histórico, desenvolvimento social e cultural em que o indivíduo vive, uma vez que o desenvolvimento do país possui grande influência sobre o processo de educação.

Convém salientar que os problemas enfrentados no processo de alfabetização no Brasil vêm nos acompanhando em longa data:

No Brasil, como em vários países da América Latina, as antigas elites – formadas por oligarcas com influências liberais – acostumaram-se a ver na educação "a alavanca do progresso". Assim, tomaram o tema do analfabetismo e despejaram rios de retórica. Diziam que o país jamais poderia encontrar seu caminho e a democracia jamais poderia ter uma realidade enquanto tivermos uma tão alta proporção de analfabetos. A "ignorância" e o "atraso" eram duas faces da mesma moeda. Palavras, muitas palavras – e - mas nenhuma ação (FREIRE, 1967, p. 39).

Atualmente nos encontramos em desenvolvimento procurando sanar os problemas que surgem e fazer com que o processo de alfabetização seja concluído com êxito, que além de codificar e decodificar códigos o indivíduo possa estar preparado para o mundo, ou seja, que ele esteja apto para viver em sociedade.

Hoje ainda vivenciamos o desafio de fazer com que todos tenham acesso e façam uso da leitura e da escrita, apesar de possuírem maior disponibilidade para a utilização de diversos meios como bibliotecas, livrarias, jornais, revistas e a internet, o que possibilita tornar os indivíduos letrados e conscientes, fazendo uso dessas ferramentas, participando ativamente da sociedade. Em seu artigo Kleiman afirma que:

O aluno que elabora um bilhete recomendando um livro e justificando sua recomendação faz uma 'leitura inspecional quando seleciona, na biblioteca, um livro para leitura, ou quando procura, no caderno infantil do jornal, a página que traz resenhas de livros; ele faz também uma 'leitura tópica', de detalhes, quando volta ao livro lido para copiar uma informação específica que deseja incluir na sua recomendação ou resenha; faz, ainda, uma 'leitura de revisão 'quando lê seu próprio texto antes de torná-lo público (1995, p. 24).

As expectativas positivas dos professores interferem na aprendizagem dos alunos. Essas expectativas se manifestam nas diversas situações de interações sociais e educacionais. Embora possa haver diferenças no desenvolvimento dos indivíduos, é importante ter consciência de que eles podem se beneficiar de diferentes experiências no contexto social e educacional.

Portanto, a escola deve propiciar aos alunos ambientes que facilitem o processo de letramento e alfabetização, haja vista que esta é responsável pela preparação dos indivíduos para as práticas sociais o que possibilita um espaço rico de aprendizagem para todos os alunos.

As crianças dão os primeiros passos críticos para aprender a ler e escrever muito cedo na vida. Muito antes de poderem exibir habilidades de produção de leitura e escrita, eles começam a adquirir alguns entendimentos básicos dos conceitos sobre alfabetização e suas funções.

De acordo com Smith (1989, p. 236):

Existe somente um modo de se resumir tudo o que uma criança deve aprender a fim de se tornar um leitor fluente, e este é dizer que a criança deve aprender a utilizar a informação não-visual, ou o conhecimento anterior, de modo eficiente, quando atentado para a linguagem escrita. É uma compreen-

são das finalidades e convenções dos textos é uma parte central da informação não-visual. Pois, o aprender a ler não requer memorização de nomes e letras, ou regras fonéticas, ou um grande vocabulário; tudo isto vem no curso do aprendizado da leitura, e pouco disto fará sentido para uma criança sem alguma experiência em leitura.

As crianças precisam de interações regulares e ativas com a impressão. As habilidades específicas exigidas para leitura e escrita vêm de experiências imediatas com a linguagem oral e escrita. As experiências nesses primeiros anos começam a definir as suposições e expectativas sobre como se alfabetizar e a dar às crianças a motivação para trabalhar no sentido de aprender a ler e escrever. Com essas experiências, as crianças aprendem que ler e escrever são ferramentas valiosas que as ajudarão a fazer muitas coisas na vida.

O RECONHECIMENTO DAS PALAVRAS NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A instrução assume uma natureza mais formal à medida que as crianças passam para as séries do ensino fundamental. Aqui, é praticamente certo que as crianças receberão pelo menos alguma instrução de um produto publicado comercialmente, como uma série de antologia de base ou literatura.

Segundo Feil (2004, p. 44):

É importante que os textos das crianças possam servir de subsidio para novas descobertas, novas situações de aprendizagens e novas construções. Saber ler, nesta visão, é ir além da interpretação literal, sabendo relacionar o lido com experiências vividas, ouvidas, presenciadas e/ou ainda, com outras leituras. Saber ler é saber recriar o lido em outras atividades, sejam de escrita (é registro, é memória), de jogo lúdico e cênico, de artes plásticas, de fixão de letras, sílabas, ortografia, etc..

À medida que os processos de reconhecimento de palavras se tornam mais automáticos, as crianças tendem a dedicar mais atenção aos processos de compreensão de nível superior. Como essas experiências de leitura tendem a ser gratificantes para as crianças, elas podem ler com mais frequência; assim, a realização da leitura pode ser um subproduto do prazer da leitura.

A verdadeira leitura é compreensão. As crianças precisam ler uma grande variedade de materiais interessantes e compreensíveis, que possam ler oralmente com cerca de 90 a 95% de precisão. No início, as crianças tendem a ler lenta e deliberadamente, enquanto se concentram exatamente no que está na página. Na verdade, eles podem parecer "colados à impressão", descobrindo os detalhes da forma no nível da palavra. No entanto, a expressão de leitura, a fluência e a compreensão das crianças geralmente melhoram quando leem textos familiares.

As crianças não usam apenas seu conhecimento crescente dos padrões de som das letras para ler textos desconhecidos. Eles também usam uma variedade de estratégias. Estudos revelam que os primeiros leitores são capazes de ser intencionais em seu uso de estratégias metacognitivas. Mesmo nessas primeiras séries, as crianças fazem previsões sobre o que devem ler, autocorrigir, reler e questionar se necessário, dando evidências de que são capazes de ajustar sua leitura quando a compreensão falha.

Mas as crianças também precisam de tempo para a prática independente. Essas atividades podem assumir várias formas. Algumas pesquisas, por exemplo, demonstraram os efeitos poderosos que a leitura das crianças para seus cuidadores tem na promoção da confiança e da proficiência em leitura. Visitar a biblioteca e programar períodos independentes de leitura e escrita em salas de aula ricas em alfabetização também proporcionam às crianças a oportunidade de selecionar livros de sua própria escolha. Eles podem se envolver em atividades sociais de leitura com seus pares, fazer perguntas e escrever histórias, todas as quais podem nutrir interesse e apreciação pela leitura e escrita.

Relacionamentos de apoio entre esses processos de comunicação levam muitos professores a integrar a leitura e a escrita na instrução em sala de aula. Afinal, escrever desafia as crianças a pensar ativamente sobre a impressão. Enquanto jovens autores lutam para se expressar, eles se deparam com diferentes formas escritas, padrões sintáticos e temas. Eles usam a escrita para vários fins: escrever descrições, listas e histórias para se comunicar com outras pessoas. É importante que os professores exponham as crianças a uma variedade de formas de texto, incluindo histórias, relatórios e textos informativos, e que ajudem as crianças a selecionar vocabulário e pontuar frases simples que atendam às demandas do público e do propósito. Uma vez que a instrução de caligrafia ajuda as crianças a se comunicarem de maneira eficaz, também deve fazer parte do processo de escrita. Aulas curtas demonstrando certas formações de letras vinculadas à publicação da escrita fornecem um momento ideal para o ensino. Oficinas de leitura e escrita, nas quais os professores fornecem instruções individuais e em pequenos grupos, podem ajudar as crianças a desenvolver as habilidades de que precisam para se comunicar com outras pessoas.

Embora os rascunhos iniciais das crianças contenham grafias inventadas, o aprendizado da grafia assumirá uma importância cada vez maior nestes anos. A instrução ortográfica deve ser um componente importante

do programa de leitura e escrita, pois afeta diretamente a capacidade de leitura. Alguns professores criam suas próprias listas de ortografia, concentrando-se em palavras com padrões comuns, palavras de alta frequência, bem como algumas palavras pessoalmente significativas da escrita das crianças. A pesquisa indica que ver uma palavra impressa, imaginar como ela é escrita e copiar novas palavras é uma forma eficaz de adquirir grafias.

É verdade que as crianças precisarão da ajuda de um adulto para dominar as complexidades do processo de escrita, mas eles também precisarão aprender que o poder da escrita é expressar as próprias ideias de maneiras que possam ser compreendidas por outras pessoas.

À medida que as capacidades das crianças se desenvolvem e se tornam mais fluentes, o ensino mudará de um foco central em ajudar as crianças a aprender a ler e escrever para ajudá-las a ler e escrever para aprender. Cada vez mais, a ênfase dos professores será em incentivar as crianças a se tornarem leitores independentes e produtivos, ajudando-os a estender suas habilidades de raciocínio e compreensão ao aprender sobre seu mundo. Os professores precisarão fornecer materiais desafiadores que exijam que as crianças analisem e pensem de forma criativa e de diferentes pontos de vista. Eles também precisarão garantir que as crianças tenham prática em leitura e escrita (dentro e fora da escola) e muitas oportunidades para analisar tópicos, gerar perguntas e organizar respostas escritas para diferentes propósitos em atividades significativas.

Ao longo desses anos críticos, a avaliação precisa dos conhecimentos, habilidades e disposições das crianças em leitura e escrita ajudará os professores a combinar melhor a instrução com como e o que as crianças estão aprendendo. No entanto, a leitura e a escrita iniciais não podem ser medidas simplesmente como um conjunto de habilidades estreitamente definidas em testes padronizados. Essas medidas geralmente não são indicadores confiáveis ou válidos do que as crianças podem fazer na prática típica, nem são sensíveis à variação de linguagem, cultura ou experiências de crianças pequenas.

Em vez disso, uma avaliação sólida deve ser ancorada em tarefas de escrita e leitura da vida real e registrar continuamente uma ampla gama de atividades de alfabetização das crianças em diferentes situações. Uma boa avaliação é essencial para ajudar os professores a adaptar a instrução apropriada para crianças pequenas e saber quando e quanto instrução intensiva em qualquer habilidade ou estratégia específica pode ser necessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já nos primeiros meses de vida, as crianças começam a fazer experiências com a linguagem. Bebês pequenos fazem sons que imitam os tons e ritmos da conversa de adultos; eles "leem" gestos e expressões faciais e começam a associar sequências de sons frequentemente ouvidos - palavras - com seus referentes. Eles adoram ouvir jingles e rimas familiares, participam de jogos como esconde-esconde e manipulam objetos como livros de tabuleiro e blocos do alfabeto em suas brincadeiras. A partir desses inícios notáveis, as crianças aprendem a usar uma variedade de símbolos. Dessa forma a leitura de histórias infantis e juvenis contribui de forma significativa para o processo ensino aprendizagem, que vai se tornando cada vez mais eficaz de forma prazerosa.

Uma diversidade considerável nas experiências de linguagem oral e escrita das crianças ocorre desde os primeiros anos do ensino fundamental, que se perpetua até a fase adulta. Algumas crianças podem ter acesso imediato a uma variedade de materiais de escrita e leitura, enquanto outras não, algumas crianças observarão seus pais escrevendo e lendo com frequência, outras apenas ocasionalmente, algumas crianças recebem instrução direta, enquanto outras recebem uma assistência muito mais casual e informal. Por esse motivo aas histórias infantis e juvenis devem fazer parte dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília:

MEC/SEF, 1997.

CHUKOVSKY, K. Das duas às cinco. Norton, Berkely: University Press. 1963. FEIL, Iselda T. Sausen. Alfabetização: um diálogo de experiências. 2.ed. rev. e ampl. – Unijui, 2004.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da Liberdade. Rio de Janeiro Exemplar nº 1405: editora Paz e Terra LTDA, 1957, p. 123.

KLEIMAN, Ângela. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p.